



## Vinhos



Rui Falcão

Há anos que o Vinho do Porto vive sob o estigma da alegada inferioridade do Vinho do Porto branco, estilo que se tem mantido eternamente eclipsado pelos primos tintos, pelos dois discursos mais conhecidos e

valorizados, o mundo dos Porto Tawny e dos Porto Ruby, de cor respectivamente alourada e avermelhada viva. Desde sempre, desde os primórdios da instituição do Vinho do Porto, a família do Porto branco sempre pairou como uma sombra pálida daquilo que se acreditava ser o verdadeiro Vinho do Porto, os vinhos de cor alourada e avermelhada.

As duas famílias principais, Tawny e Ruby, divididos em dezenas de temperamentos definidos por lei, dominam o mercado de forma avassaladora, reservando pouco mais que simples migalhas para a modesta família dos Porto elaborados com variedades brancas. Se

a larguíssima maioria dos portugueses reconhece facilmente a distinção entre os dois estilos, poucos serão os que identificam e compreendem a multiplicidade de divisões e estilos dentro de cada família, para além de uma minoria de enófilos esclarecidos. Designações como Vintage, LBV, Ruby Premium, Colheita e Portos datados, de 10, 20, 30 e mais de 40 anos, encerram em si um conjunto alargado de subtilezas que só os entusiastas mais dedicados conseguem abarcar.

Porém, apesar das muitas ambiguidades e das dificuldades notórias em catalogar as diferentes

alíneas dentro de cada família, os conceitos Tawny e Ruby parecem encontrar-se bem delineados e delimitados para a maioria dos consumidores, sabendo-se de antemão o que esperar de cada uma das estirpes. O mesmo não se poderá verbalizar sobre a furtiva família dos Porto brancos, durante décadas símbolo de indefinições e de infinitas matizes quanto aos estilos admissíveis. No mesmo quadrante político poderemos encontrar vinhos secos, meio-secos, doces ou tremendamente doces, numa autêntica babel capaz de fomentar melindres e equívocos.

Tem sido assim desde sempre... mas algo está a mudar neste

final da primeira década do milénio! Num ápice, numa catarse surpreendente para o sector mais conservador do vinho português, assiste-se a uma autêntica revolução de costumes, oferecendo hoje um protagonismo ao Porto branco de que a família nunca antes tinha beneficiado. Quase sem aviso, fomos subitamente inundados por lançamentos de novos vinhos e novos estilos, incluindo-se no rol a criação de toda uma nova nomenclatura e legislação de que o Vinho do Porto branco sempre esteve arredado.

# Um novo despertar para o Vinho do Porto

Durante anos considerado como o parente pobre do Vinho do Porto, o Porto branco começa agora a dar os primeiros passos no caminho da alforria, assumindo um papel de destaque na hierarquia do Vinho do Porto

PAULO PIMENTA





Para quem ainda não teve a grata oportunidade de provar as novas categorias de Vinho do Porto branco datados, com as designações 10, 20, 30 e mais de 40 anos, tal como os Porto branco Colheita, o movimento até poderia assemelhar-se a uma simples cartada genial de marketing, a uma tentativa empenhada de diversificar estilos e de descobrir novos mercados. Porém, aqueles que já descobriram estes vinhos... sabem que nada poderia ser mais enganador, encontrando-se vinhos espantosos nesta nova família, vinhos capazes de nos aproximar do céu.

Porque é que estes vinhos estiveram arredados da ribalta durante tantos anos? Porque os stocks são baixos, muito baixos, e porque, graças à pouca notoriedade do estilo e ao fraco retorno financeiro proporcionado pelo Porto branco, os produtores nem sempre se preocuparam em registar os vinhos, forçando a que os manifestos oficiais que sustentam a idade dos vinhos... nem sempre existam! Mas também por falta de fé, por falta de crença e convicção de que o Vinho do Porto branco pudesse alcançar o mesmo estado de beatitude que se consagra às duas restantes famílias.

Hoje os stocks continuam a ser parcos, quase irrisórios, o que poderá vir a revelar-se como uma tremenda dor de cabeça para o sector. O que fazer quando as escassas reservas actuais se encontrarem delapidadas é um dos problemas capitais para esta nova categoria tão peculiar. Inquietações importantes para o sector mas que pouco perturbam os enófilos. Preocupações que rapidamente se esvanecem quando temos ocasião de provar vinhos como o Andresen White 20 Anos, um dos primeiros Porto brancos da categoria 20 Anos, um vinho de cor dourada e reflexos esverdeados, sedoso e glicerinado, senhor de uma frescura tremenda, de uma irreverência invulgar que lhe proporciona um final de boca desafogado e supinamente viçoso.

Ou o Kopke White 30 Anos, ainda mais impressionante que o tentador Kopke White +40 Anos, de cor ambarina brilhante com reflexos esverdeados no bordo. Sedutor, fresco e grave, termina incrivelmente longo e felino, lânguido mas nervoso, num crescendo eterno e repleto de energia, proporcionando um remate de boca empolgante. Mas nenhum outro vinho simboliza de forma tão resplandecente o estilo como o Dalva Golden White Colheita 1952, um Colheita de cor ambarina pronunciada, impossível de diferenciar na cor de um Tawny envelhecido. Fresco e luxuriante, discretamente floral, delicado e sedutor, cativante e encantador, é fácil perder-se de amores perante este Porto branco. A boca anuncia a entrada no céu, com uma onda de frescura avassaladora e uma acidez brutal que o eterniza no palato.

Quem disse que o Porto branco não consegue ser monumental?